

A ORLA COSTEIRA DE ÓBIDOS: OUTROS PATRIMÓNIOS

Percurso na Costa Atlântica

Praia da Rocha do Gronho

>>> Praia dos Olhos de Água

**DIA INTERNACIONAL
DOS MONUMENTOS E SÍTIOS**

**DO PATRIMÓNIO MUNDIAL AO PATRIMÓNIO LOCAL:
PROTEGER e GERIR a MUDANÇA**

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Óbidos

TEXTOS E PESQUISA

Dina Matias e Sérgio Pinheiro (Serviço de Arqueologia)

João Pedro Tormenta (Arquivo Histórico)

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Design

INTRODUÇÃO

Em termos geológicos, a região de Óbidos está enquadrada na Orla Meso-Cenozóica Ocidental, mostrando a evolução dos ambientes sedimentares desde há 250 Milhões de anos (Ma) até ao presente.

Na sequência da fragmentação do Continente Pangeia, a abertura do Oceano Atlântico Norte e as alterações climáticas originaram a deposição de sedimentos continentais, fluviais e marinhos nas novas margens da Eurásia. Estes sedimentos foram modelados por acontecimentos tectónicos e vulcânicos ou por variações no nível médio do mar.

Actualmente, o Oceano Atlântico apresenta um regime de marés constituído por duas marés diárias, com amplitude elevada, e um clima de agitação marítima de alta energia, o que provoca uma acentuada erosão costeira.

A Lagoa de Óbidos preenche uma depressão pouco profunda, estando separada do Oceano Atlântico por uma barreira arenosa. Evidencia uma barra de maré (Aberta), conservada artificialmente para permitir a comunicação com o mar. Revela um predomínio de água salobra a salgada, tendo pequena quantidade de água doce.

1. O NAUFRÁGIO HISTÓRICO DO VAPOR "ROUMANIA"

Na Praia do Bom Sucesso encontram-se depósitos de praia, com areias transportadas pelas ondas e correntes de maré no decurso da época Holocénica (< 10 000 anos). Ao invés da vertente lagunar, os depósitos da vertente oceânica mostram bastante inclinação, desaparecendo rapidamente no mar. Trata-se de Depósitos Modernos.

Os depósitos da vertente oceânica contêm vestígios de um navio em ferro do período contemporâneo, que foram relacionados com o naufrágio do vapor inglês *S. S. Roumania*. Estes vestígios correspondem aos elementos estruturais do navio, mas torna-se prematuro efectuar tentativas de identificação sem trabalhos arqueológicos subaquáticos.

Segundo os dados disponíveis, o vapor *S. S. Roumania* foi construído pela empresa D. & W. Henderson no estaleiro de Meadowshire em Glasgow (Reino Unido). Media aproximadamente 111 x 11.60 x 8.70 m e pesava 3387 toneladas brutas. Possuía dois motores a vapor com 490 cavalos, que geravam uma velocidade de 14 nós (26 Km/h). Ficou concluído em Novembro de 1881.



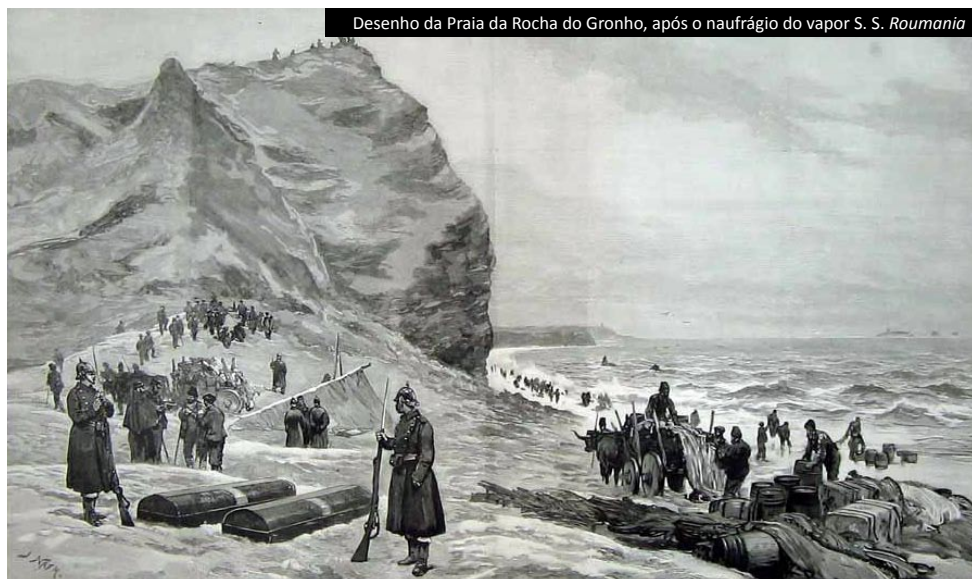
Gravura do vapor inglês *S. S. Roumania*

O vapor *S. S. Roumania* seguia de Liverpool para Bombaim com passageiros e carga, quando um grande temporal originou o afundamento do navio próximo da Rocha do Gronho durante a noite do dia 27 ou a madrugada de 28 de Outubro de 1892.

A bordo do vapor encontravam-se 55 passageiros e 67 tripulantes, num total de 122 pessoas. Salvaram-se unicamente 2 passageiros e 7 tripulantes, tendo perdido a vida 113 pessoas. Pese embora a proximidade da praia, a acção das ondas e das correntes levou à morte das pessoas por exaustão. Os passageiros eram missionários, militares e funcionários públicos, com seus familiares e serviçais; os tripulantes eram de origem escocesa e indiana.

A carga do vapor compreendia essencialmente chitas e fazendas, bem como máquinas de costura. Compreendia também materiais e equipamentos para a construção de uma linha férrea (por exemplo, carris e uma locomotiva desmontada).

Nas semanas seguintes, apareceram corpos e bens nas costas da região, o que suscitou a cobiça popular. Os corpos das vítimas foram sepultados nos cemitérios de Famalicão, Serra do Bouro, Óbidos, Vau e Peniche. Parte dos bens salvados foi declarada pelas autoridades, mas a maior parte foi subtraída pela população.



Em 1963, efectuou-se uma operação de recuperação da carga e da estrutura do vapor. O navio apresenta uma grande vulnerabilidade, devido à acção das ondas e das correntes de maré.

Na embocadura da Lagoa de Óbidos, mais propriamente numa acumulação de areias em forma de leque localizada no lado do Oceano Atlântico a partir da embocadura (delta de vazante). Este delta é criado pelas correntes de vazante, mas sofre alterações constantes devido à acção das ondas. Delta não dominante.

2. A ARRIBA DA PRAIA DA ROCHA DO GRONHO

No lado sul da embocadura da Lagoa de Óbidos, a arriba da Praia da Rocha do Gronho atinge uma altitude relativamente elevada (35 m).

O topo da arriba apresenta um complexo de dunas, com areias marinhas deslocadas pelo vento durante a época Plistocénica e Holocénica (< 1.81 Ma). Sugere a predominância de ventos do quadrante norte e noroeste.

No entanto, o resto da arriba mostra um conjunto de feixes de paleocanais fluviais, contendo conglomerados, arenitos e argilitos do andar Aptiano-Cenomaniano (121-93.5Ma). Estas rochas depositaram-se em ambiente oxidante ou redutor. Correspondem à Formação da Figueira da Foz, que se prolonga na direcção sul ao longo da costa.

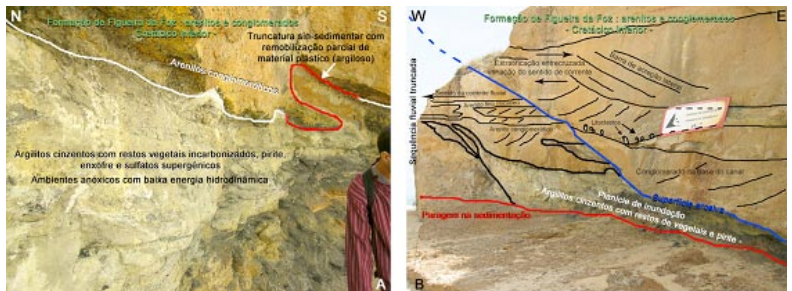


Vista da arriba da Praia da Rocha do Gronho (lado norte): duna consolidada do Período Quaternário e paleocanais de ambiente deltaico do Período Cretácico (in MARTINS-LOUÇÃO, 2008)

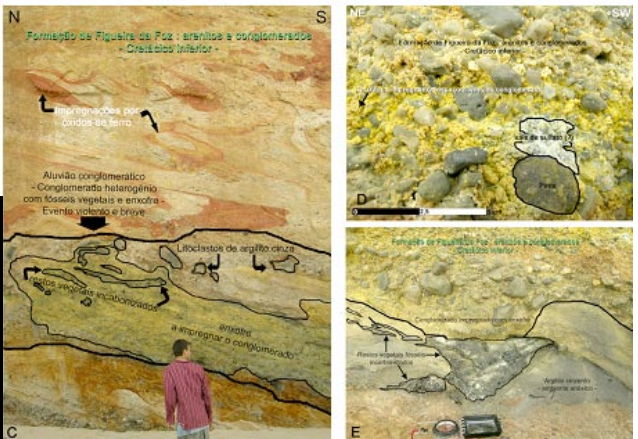
Da base para o topo, os paleocanais caracterizam-se por uma sequência de sedimentos grosseiros a finos (conglomerados, arenitos e areias), cada vez mais estruturados em feixes entrecruzados e laminações sub-horizontais. Os paleocanais cortam antigas superfícies de inundação,

compostas por siltes e argilas. Têm inclusões de pirite (sulfureto de ferro) e enxofre nativo, o que sugere uma formação em ambiente anóxico.

Registam-se fósseis de origem vegetal, nomeadamente, troncos de árvores incarbonizados de cor cinzenta escura a negra.



Vista da arriba da Praia da Rocha do Gronho (lado oeste): A – Remobilização parcial de planície de inundação por episódio de alta energia hidrodinâmica; B – Sequência de paleocanais de ambiente deltaico, com variações laterais e verticais; C – Aluvião conglomerático e remobilização de sedimentos por episódio tempestuoso; D – Conglomerado impregnado por enxofre nativo e pirite; E – Presença de fósseis de vegetais incarbonizados (in MARTINS-LOUÇÃO, 2008)



Em suma, a falésia documenta um sistema fluvial de carácter estuarino deltaico, com rios entrecruzados em transformação constante, acabando por se truncarem no espaço e no tempo.

Neste afloramento rochoso, destaca-se a grande espessura e a riqueza cromática das rochas cretácicas. Destaca-se também o basculamento da plataforma rochosa para SW.

A falésia possui uma grande vulnerabilidade, devido às características litológicas e à forte abrasão marinha. Ocorrem derrocadas de enormes blocos de rocha, os quais se vão desgastando com a acção do mar.

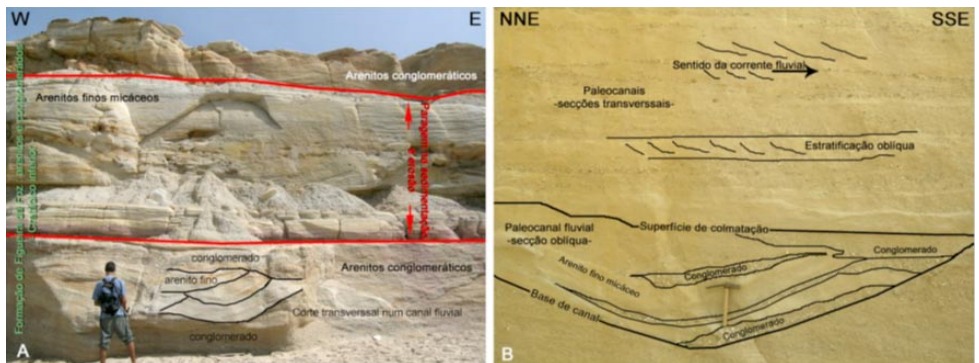
Na Praia da Rocha do Gronho, salienta-se a presença de uma duna consolidada da época Plistocénica e Holocénica (< 1.81 Ma), com alguma expressão altimétrica, bem como de depósitos de praia com areias de época Holocénica (< 10 000 anos).

3. A ARRIBA DA PRAIA DO REI CORTIÇO

Na direcção sul, encontra-se a arriba da Praia do Rei Cortiço, que alcança uma altitude menos elevada (15 a 20 m).

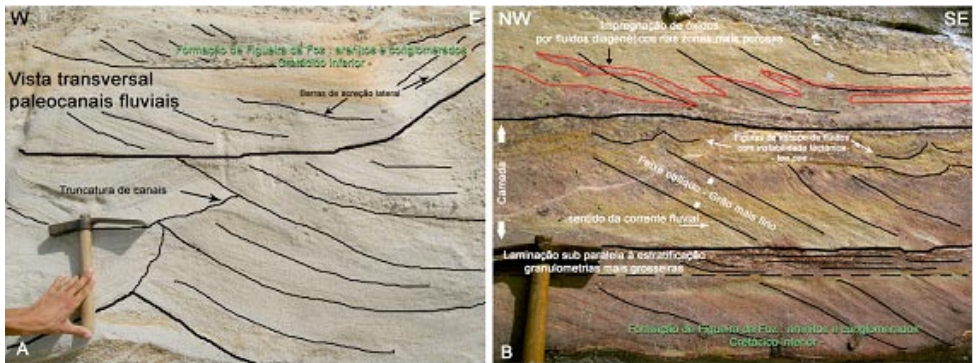
De igual modo, o cimo da falésia revela um complexo de dunas, composto por areias marinhas transportadas pelo vento na época Plistocénica e Holocénica (< 1.81 Ma). Também indica o predomínio de ventos de norte e nordeste, cuja acção sobre o afloramento rochoso deu origem à formação de ventifactos.

O corpo da falésia evidencia feixes de paleocanais fluviais, com conglomerados e arenitos do andar Aptiano-Cenomaniano (121-93.5Ma). Estas rochas depositaram-se em ambiente oxidante. Enquadram-se igualmente na Formação da Figueira da Foz.



Vista da arriba existente a sul da Praia do Rei Cortiço: A – Arenitos conglomeráticos e finos, correspondendo a três episódios com energias hidrodinâmicas diferentes; B - Estruturação de paleocanais de ambiente deltaico, com sentidos de transporte variáveis (in MARTINS-LOUÇÃO, 2008).

A partir da base, os paleocanais embalam uma sequência de sedimentos grosseiros a finos (conglomerados, arenitos e areias), com feixes entrecruzados e laminações sub-horizontais. Pontuam marcas de impregnação e escape de fluídos, que assinalam instabilidade tectónica. Por conseguinte, a arriba documenta a continuação do sistema fluvial de carácter estuarino deltaico identificado na arriba da Praia da Rocha do Gronho.



Pormenores da arriba a sul da Praia do Rei Cortiço: A - Truncatura lateral e vertical de paleocanais de ambiente deltaico; B - Estruturação interna de paleocanal, com impregnação e escape de fluidos, indicando instabilidade tectónica (in MARTINS-LOUÇÃO, 2008).

Pese embora a menor possança, este afloramento rochoso salienta-se pela variedade de cores.

A arriba mostra uma grande vulnerabilidade, em virtude das características litológicas e da forte abrasão marinha. Registam-se também quedas de blocos de rocha.

Na Praia do Rei Cortiço existem depósitos de praia, com areias atribuídas à época Holocénica (< 10 000 anos).

4. AS PISTAS DE DINOSSAUROS DA ARRIBA DA PRAIA DOS OLHOS DE ÁGUA

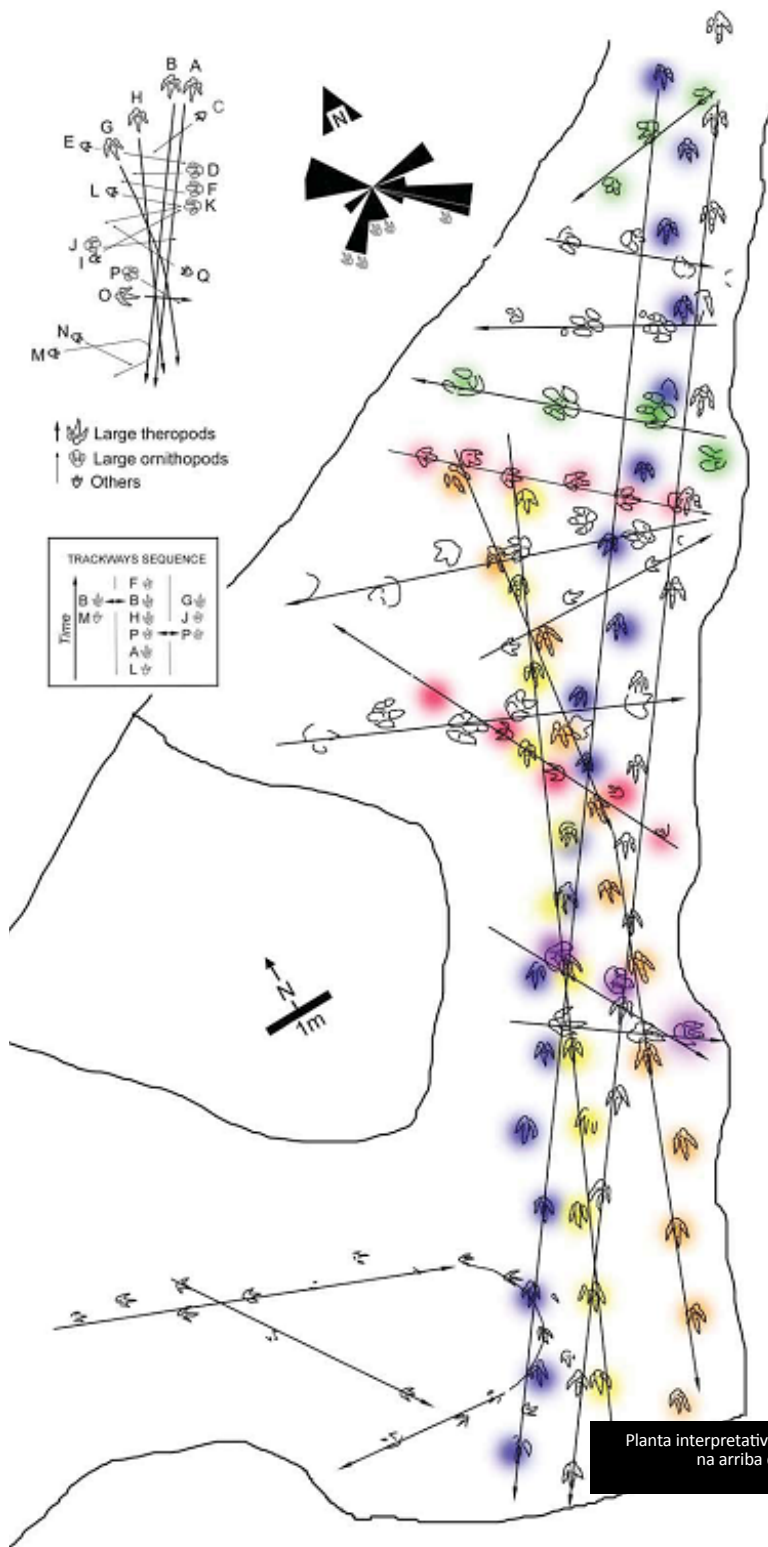
Seguindo para sul, a arriba da Praia dos Olhos de Água atinge uma altitude mais elevada (30 m).

Tal como as falésias anteriores, o topo da arriba evidencia um complexo dunar, com areias eólicas de época Plistocénica e Holocénica (< 1.81 Ma).

O corpo da arriba apresenta feixes de paleocanais fluviais, constituídos por conglomerados e arenitos do andar Aptiano-Cenomaniano (121-93.5Ma). Estas rochas depositaram-se em ambiente oxidante. Integram também a Formação da Figueira da Foz.

De baixo para cima, os paleocanais compreendem uma sequência de sedimentos grosseiros a finos, com feixes entrecruzados e laminações sub-horizontais. Registam-se fósseis de origem animal, sob a forma de pistas de dinossauros que frequentavam o sistema fluvial de carácter estuarino deltaico.

Localizadas numa plataforma sobranceira à praia (5 m), as pistas de dinossauros constituem a primeira descoberta de fósseis de vertebrados em rochas do andar Aptiano-Albiano (121-98.9Ma). Contam-se 128 pegadas tridáctilas, distribuídas por 17 pistas. Identificam-se três tipos de pegada: - tipo iguanodontídeo, com pegada de tamanho médio a grande e forma larga, tendo impressões digitais elipsóides e às vezes marcas de pequenas garras (pistas D, F, K, J e P); - tipo terópode de grande porte, com pegada de tamanho médio a grande e



Planta interpretativa das pistas de dinossauros
 na arriba da Praia dos Olhos de Água
 (m MATEUS e ANTUNES, 2003)

forma alongada, possuindo impressões digitais recortadas com marcas de garras (pistas A, B, G, H e O); - tipo terópode de médio porte, com pegada de tamanho pequeno a médio e forma ligeiramente alongada, tendo impressões digitais finas com marcas de garras (pista M). Algumas pegadas encontram-se em mau estado de conservação, não permitindo uma identificação cabal. Devem pertencer a ornitópodes ou terópodes.

De um modo geral, os terópodes grandes dirigiam-se para sul e os ornitópodes, terópodes médios e dinossauros não identificados dirigiam-se para este ou oeste. Tal separação pode indicar que os terópodes grandes patrulhavam o acesso a um recurso importante (tipo água).

Contudo, verificam-se ainda duas situações interessantes: um terópode grande estava coxo, imprimindo passadas em ziguezague e com comprimentos assimétricos (pista B); o terópode médio envolveu-se numa perseguição, seguindo para este e voltando para oeste, enquanto acelerava (pista M).

Neste afloramento rochoso sobressai a presença de fósseis de vertebrados.

A falésia tem uma elevada vulnerabilidade, devido às características litológicas, à acção de pequenas linhas de água e à forte abrasão marinha. Registam-se ravinas e quedas de grandes blocos de rocha.

Em conformidade com as restantes praias, a Praia dos Olhos de Água mostra depósitos de praia com areias de época Holocénica (< 10 000 anos).

5. Os Topónimos da zona Costeira de Óbidos

A questão da toponímia continua a ser uma temática bastante fascinante, mas simultaneamente controversa mesmo para os linguistas, filólogos e outros, que se dedicam ao estudo dos nomes dos locais, da sua origem e evolução até aos dias de hoje.

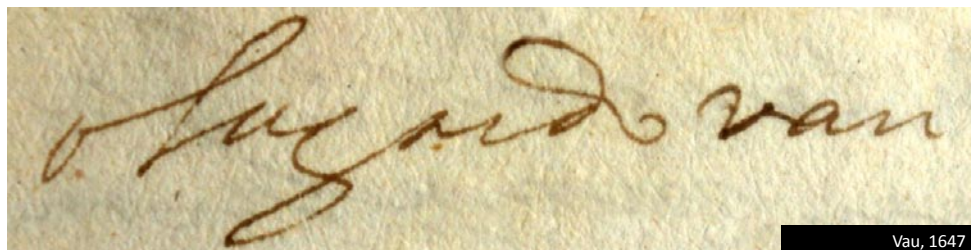
A questão não é em nada fácil e se em muitos casos a origem de um nome não levanta dúvidas, em muitos outros a densa bruma dos tempos cobre totalmente a origem remota do mesmo, desvendando, aqui e ali, os ténues sons da História que nos transporta para épocas longínquas e para tempos em que no território outras línguas e gramáticas imperavam e marcavam o quotidiano do dia-a-dia, dos trabalhos no campo, dos medos, das lendas e crenças das população. E em muitos casos, nada podemos ainda afirmar com certeza sobre o que quer dizer este ou aquele nome daquela terra ou lugar.

Em muitos casos o assunto é ainda agravado pela questão da antiguidade do lugar. Ao contrário do senso comum, cuja memória apenas abarca algumas gerações, grande parte dos topónimos existentes quer no concelho de Óbidos, quer no resto do país, têm origens na baixa idade média, onde a língua portuguesa, com todas as suas influências, começa a “estabilizar” devido principalmente ao crescimento da identidade nacional; À ideia de país e à de nação.

Nos registos existentes no Arquivo Histórico Municipal e na Santa casa da Misericórdia de Óbidos, encontramos já grafados, no início do séc. XV e XVI, os nomes de muitas das loca-

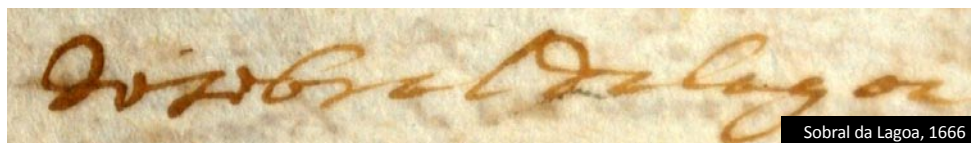
lidades que hoje existem no concelho, com a sonoridade que persiste até à atualidade... salvo muito raras exceções.

Deixamos aqui exemplos da grafia dos séc. XVII e XVIII de algumas localidades da orla costeira, existente em documentação no Arquivo Histórico Municipal.



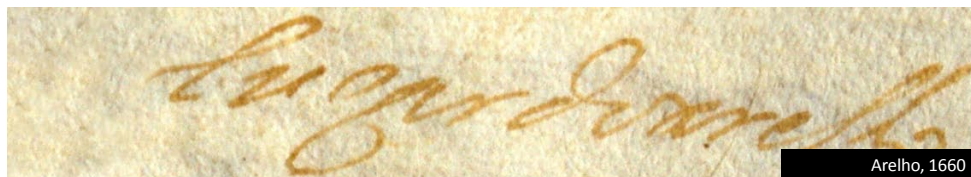
Luzard van

Vau, 1647



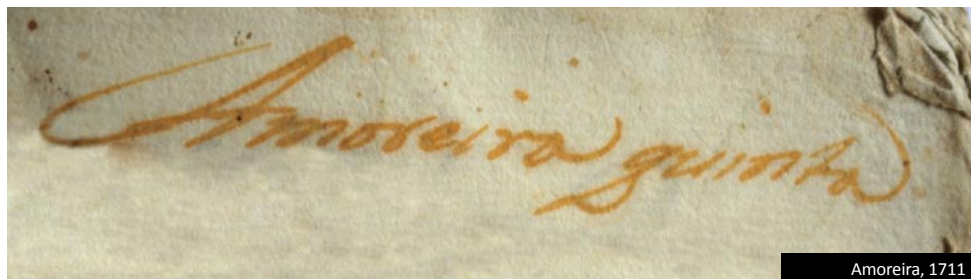
Sobral da Lagoa

Sobral da Lagoa, 1666



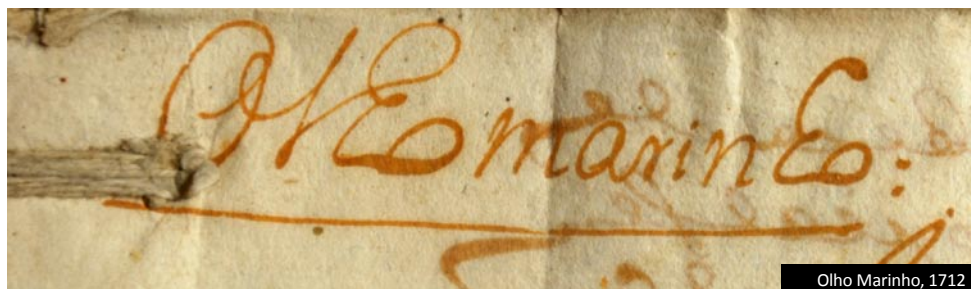
Luzard de Arelho

Arelho, 1660



Amoreira quinta

Amoreira, 1711



Olho Marinho:

Olho Marinho, 1712

Bibliografia:

MARTINS-LOUÇÃO, M. A. (coord.) - *Estudo do Património Biológico e Análise Geológica e Geomorfológica da Região de Óbidos*, Óbidos - Rede de Investigação, Inovação e Conhecimento, relatório final policopiado, 2008

MATEUS, O. e ANTUNES, M. T. – “A new dinosaur tracksite in the Lower Cretaceous of Portugal”, *Ciências da Terra*, Nº 15, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003, pp. 253-262

Publicações em linha:

CORREIA, A. – “O naufrágio do “Roumania” no Gronho, em 1892”. Acedido em <http://arlindo-correia.com/061010.html>, a 10 de Abril de 2012

FORUM DE MERGULHO – “SS Roumania”. Acedido em http://www.forum-mergulho.com/index.php?/topic/9270-ss-roumania/page__p__99296__hl__roumania__fromsearch__1&#entry99296, a 23 de Fevereiro de 2010

GRUPO DE CAMINHEIROS DE CALDAS DA RAINHA E SÃO MARTINHO DO PORTO – “57º Passeio naufrágio S.S Romania”. Acedido em <http://caminheirosdascalas.com.sapo.pt/2006/01/57-passeio-naufrgio-ss-romania.html>, a 23 de Fevereiro de 2010.
